

CROÁCIA 4 – PARQUE NACIONAL LAGOS PLITVICE

A Croácia é um país cheio de parques nacionais. Num primeiro momento, fiquei pensando como estas decisões foram tomadas, afinal, o território da antiga Iugoslávia não era tão grande assim para eles destinarem tantas terras a esta finalidade. O fato é que, nos mapas, há a demarcação de áreas significativas dedicadas à preservação tanto no continente como no território insular.

Fiquei curiosa e precisaria saber mais: são áreas definidas antes do regime socialista? Durante o Governo de Tito? Por que razões? O turismo já era visto como potencialmente importante? Responder estas questões exigiria uma pesquisa, que fica para depois.

O mais importante ou o mais badalado é Parque Nacional dos Lagos Plitvice, que fica bem no “coração do país”, como o guia destaca. Ele foi demarcado em 1949, portanto antes do governo de Tito que teve início na década seguinte. Em 1979, foi considerado, pela UNESCO, Patrimônio da Humanidade.

Sua área compreende 300 km², o que é mais ou menos metade do tamanho do Parque Nacional de Iguaçu.

A bem da verdade, eu não estava nem um pouco animada para conhecer o parque croata, em parte, pela decepção que tinha tido ao visitar o de Niágara nos Estados Unidos, comparativamente à beleza de Foz do Iguaçu no Brasil. No entanto, tenho que admitir que valeu a pena.

A viagem de ida, saindo de Zagreb e passando por Karlovac, já foi interessante, porque ela ocorreu no dia 28 de junho de 2014, um sábado, que era o primeiro dia das férias escolares na Croácia e, talvez, em muitos outros países da Europa Central. Eu não me refiro a quaisquer férias, mas às de verão que são uma verdadeira instituição nos países do Velho Mundo onde o frio castiga a maior parte do ano. Mal começa o sol a brilhar com intensidade e os europeus mudam de roupa, de humor, de propósito e viram outros, ou seja, tomam efetivamente o espírito das férias estejam ou não em viagem.

Havia centenas de carros saindo da capital, lotados, com muitas malas e mil apetrechos, vários deles traziam bicicletas no teto ou penduradas nas traseiras, enfim, ficamos com nítida impressão que partiam em férias longas.

A autopista principal da Croácia – A1 – é uma excelente rodovia e mesmo com este movimento não havia filas nos pedágios (o que fatalmente ocorreria na Via Castelo Branco ou na Imigrantes numa data deste tipo). O que mais nos chamou atenção foi o grande número de carros e motor-homes, vindos de outros países. Eliseu veio animado, pelas siglas que estão no cantinho das placas, adivinhando as procedências dos veículos – Polônia, Hungria, Eslovênia, Áustria, Sérvia, Holanda, Bélgica etc.

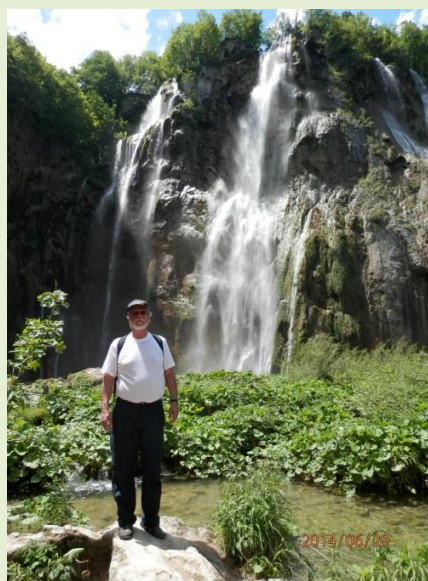
Quando morávamos na França, havia sempre brincadeiras jocosas sobre belgas e holandeses, amantes das viagens de trailers e motor-homes, o que era traduzido como designativo de serem pão duros. Agora, vimos que esta é a opção de muitas famílias da Europa Central. Nesta viagem, inúmeras vezes estamos vendo placas indicando espaços destinados ao pernoite e permanência desses viajantes. Aqui e ali, nos estacionamentos, fico curiosa olhando para os modelos deles, pois alguns são tão equipados que parecem uma mini casa.

O acesso ao parque estava bastante organizado, com várias áreas de estacionamento, guichês de informações e oferta de mapas e croquis para se percorrer os roteiros, que são organizados por tempo disponível. Quando Eliseu perguntou a alguém do staff o que ele aconselhava ser priorizado no passeio, veio logo a pergunta – De quanto tempo dispõe? Duas, três, oito horas? Rimos com a hipótese de um dia inteiro no parque e ficamos com a opção de três horas. Foi suficiente para andarmos muito, mas muito mesmo...

Acho que não é o caso de ficar descrevendo o parque, mas somente de fazer o convite para as fotos. A primeira delas foi extraída da Wikipédia e a segunda do Google, para se ver panorâmicas, por meio de vistas aéreas, que eu não poderia fazer. As outras foram registros nossos, desde a entrada do parque, onde estão as bandeiras da UNESCO, da Croácia e do parque. Aliás, aproveito para registrar que, em todo lugar e por qualquer razão, há uma bandeira do país içada. Deve ser para ajudar a

construir a identidade nacional de um país que tem pouco mais de 20 anos.













Carminha Beltrão

Junho de 2014